NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMUDO DE LA ROSA, Manuel: *Antología sistemática de Marx* (Col. "Ágora"). Salamanca (Espanha) 1982. 249 pp., 17,5 x 12cm.

Fala-se muito de Marx, mas pouco se sabe do seu pensamento original, por causa dos efeitos da ideologização da sua obra. Sua interpretação não pode ser ortodoxa. É necessário fazer uma leitura aprofundada do que realmente Marx disse. É esse o objetivo do autor desta Antologia: interpretar Marx a partir do próprio Marx. Com textos cuidadosamente selecionados desde cartas escritas a amigos até textos da sua obra principal, *O Capital*, procura fazer com que o próprio Marx se explique sobre as questões fundamentais. Não hesita, inclusive, em apontar as questões contraditórias. Esta, certamente, é uma das interpretações do próprio autor: que Marx se corrigiu frequentemente e que toda proposição teórica que pretende validar-se encerra em si elementos de contradição.

Os textos versam sobre a concepção marxiana do homem, sociedade, história, luta de classes, ideologia, religião e estado. Merecem destaque os capítulos 9, 12, 14 e 16 em que o autor, que se declara cristão, toma posição em relação às questões mais polêmicas do marxismo, respectivamente à questão da última instância econômica, à luta de classes, à crítica à religião e à ditadura do proletariado. Sobre a definição da última instância, por exemplo, o autor se vale de textos de Engels e de outros autores modernos para mostrar que "no decorrer do desenvolvimento histórico da luta, exercem influência também e em muitos casos determinam sua forma de modo preponderante, diversos elementos da superestrutura"(116). Deste modo o autor procura atualizar Marx. Do mesmo modo em relação à questão da ditadura do proletariado ele chama à atenção que "ditadura" no tempo de Marx significava outra coisa que para nós hoje. Não se refere tanto à forma de governo, mas ao conteúdo de dominação da classe da maioria.

É um livro, sobretudo, didático. Tem em conta a complexidade e a dificuldade de compreender Marx. Por isso M.B.R. faz uma longa introdução a cada capítulo, visando contextualizar e facilitar a compreensão do texto, além de acrescentar a cada texto um título temático que facilita muito a sua compreensão unitária. Por outro lado, inevitavelmente condiciona a interpretação do texto.

João Inácio Wenzel S.J.

OTTO, Eckart – SCHRAMM, Tim: *Fiesta y gozo* (Col. "Bíblia y Catequesis" 3). Trad. do alemão por Manuel Balasch. Ed. Sígueme, Salamanca (Espanha) 1983. 209 pp., 20,5 x 12,5cm.

"Onde há angústia [possivelmente traduz o alemão "Angst" que, no contexto, parece significar, antes que angústia, preocupação, medo, temor], deve pôr-se alegria [o espanhol traduz "Freude" no título por "gozo", por isso se pode supor que o original aqui traga "Freude"]". Iniciando outra vez: "Onde há preocupações, deve pôr-se alegria. Esta, no entanto, deve ter motivos: não podemos descrevê-la sem mais. Fonte de alegria é a sensação de que as coisas têm sentido. Também a festa tem sentido. Eis uma afirmação válida: esta sensação de sentido tende por si a comunicar-se e para tanto busca e cria a festa [...] No AT a alegria que vence as preocupações [em espanhol: "angústia"], nasce principalmente da festa cultural, enquanto que no NT a alegria tem seu lugar habitual na vida diária" (9-Introdução).

Como isso os autores já indicam a finalidade, a tese e a divisão desta obra. Trata o tema da "festa e alegria" (título alemão: "Fest und Freude"), em duas partes: no AT (11-103) e no NT (105-209). Parece que a co-autoria é parcelada: E. Otto é o autor da primeira parte (cf. 31 e também a bibliografia geral, onde aparece como autor de obras sobre o AT), enquanto T. Schramm, de quem na bibliografia consta só uma obra e esta de exegese do NT, deverá ter sido o autor da segunda parte.

Na parte referente ao AT se faz uma história crítica da origem das grandes festas de Israel (Páscoa, Ázimos, Festa do Outono, Dia da Reconciliação) e daí algumas considerações sobre seu sentido. A segunda parte toma a crítica das festas como ponto inicial, para abordar a atitude crítica de Jesus frente à dicotomia puro-impuro e frente ao sábado, ao templo e à sinagoga. O acento está no capítulo em que mostra a própria ação de Jesus e seu seguimento como presença da alegria escatológica. Segue-se um capítulo sobre as formas de culto cristão que se deduzem do NT e um capítulo final sobre a alegria no sofrimento, tema freqüente no NT.

Evidentemente, pela própria natureza das coisas, não se podia exigir uma adequação do NT ao AT, mas chama a atenção a desadequação, porque, enfim, o tema da alegria não aparece no AT só em conexão com as festas de Javé. Entretanto, os autores estão conscientes da opção feita. Sua tese — que está na frase citada inicialmente — é que no AT a alegria nasce *principalmente* da festa cultural, enquanto do NT, para o qual o culto é a vida cotidiana (cf. 195) e o seguimento de Jesus uma "festa" (cf. 163), não se pode dizer o mesmo. Aqui a alegria nasce da vida no seguimento e se expressa (*também*) no momento do culto. (Nesse sentido se poderia ter desejado, com razão, que fosse mais desenvolvido o aspecto de alegria da celebração cristã, especialmente eucarística, contemplado apenas com um parágrafo em tipo menor na p. 194).

Sumamente interessante o material sobre as festas de Israel, oferecendo, a nível de divulgação, uma visão histórica de sua origem e evolução. Enquanto Otto atuou com grande liberdade na reconstituição das festas do AT, Schramm foi muito tímido no mesmo trabalho com relação ao NT. Nesse ponto o recenseur é de opinião que o Apocalipse poderia fornecer elementos que não foram de forma nenhuma aproveitados.

O livro como conjunto oferece material abundante para catequese e pregações sobre a alegria, tema que os autores vêem ser de primordial importância para o homem das sociedades superdesenvolvidas que não sabe mais se alegrar, pois não tem porque. Também entre nós, onde ainda se conserva o sentido da festa, o livro pode ajudar para melhorar a percepção e a vivência do festivo. É um livro de divulgação, mas ainda bastante técnico no sentido de uma exegese crítica. É um livro de divulgação a nível alemão.

F.T.

BARTH, Gerhard: *A Carta aos Filipenses* (Série Comentários Bíblicos - NT 8/3). Trad. do Alemão por Walter O. Schlupp. Ed. Sinodal, São Leopoldo 1983. 93 pp., 21,5 x 15,2cm.

O A., de confissão luterana, lecionou, por sete anos, exegese do NT na Faculdade de Teologia Sinodal, de São Leopoldo, e publicou posteriormente, em alemão, dois comentários bíblicos, traduzidos para o português: *A Carta aos Filipenses* e a *Primeira Epístola de Pedro*. Através dos vários capítulos, o A. aplica método hermenêutico atualizado para captar o sentido da carta, expressá-lo em linguagem corrente, diferenciá-lo de possíveis mal-entendidos e torná-lo relevante para homem de hoje. Dados extrínsecos ao texto bíblico são tratados na introdução, tais como o local da comunidade dos filipenses, a data da redação da carta e a questão da unidade literária. Três excursos desenvolvem mais pormenorizadamente os temas da escatologia, cristologia e heresia. O comentário tem o mérito de estabelecer um contato espiritual entre o leitor e Paulo, através do diálogo com a comunidade de Filipos que viveu a fé cristã no contexto cultural e religioso de seu tempo. Em meio aos desafios que condicionaram a consolidação do cristianismo do séc. I, o A. ressalta, com lucidez e clareza, os elementos intrínsecos da mensagem cristã. É, portanto, a partir da cristologia que se compreende tanto a soteriologia como a antropologia e, da mesma forma, o enfoque escatológico é que determina a perspectiva da existência cristã.

Quanto à questão da unidade literária, o A. adota a hipótese de ser uma coletânea de três cartas distintas, reunidas numa só. Enquanto essa hipótese explica adequadamente as razões de descontinuidade entre os três blocos literários, fica todavia por ser esclarecido o motivo que levou um redator posterior a reunir as três cartas paulinas numa única carta endereçada aos filipenses. Embora o A. não aborde explicitamente esse motivo, adotado pelo redator, ele dá, no entanto, o devido valor à função dos "colaboradores" mencionados na carta. A unidade da carta, de fato, não se situa no plano literário, mas no plano temático, cujo teor é a colaboração na obra salvífica de Deus. Esse tema constitui o fio condutor que perpassa todas as partes da carta e está explicitado de diversas formas, tanto pela descrição da função de Paulo e de seus associados imediatos como pela exposição da mensagem, formulada em termos de exortação eclesial a uma vida exemplar e a uma participação efetiva na obra salvífica de Deus mediante a adesão a Jesus Cristo, a quem o hino cristológico

apresenta como protótipo da práxis cristã. A polêmica anti-herética (3, 2-4, 3.8s) visa a prevenir os fiéis contra a influência dos falsos colaboradores, ao passo que a carta de agradecimento (4, 10-20) exprime o reconhecimento de Paulo pela colaboração material prestada a ele pelos filipenses. Essas observações sobre a unidade da carta visam tão somente a contribuir à solução de um problema literário, não por meio de suposições, alheias ao texto, mas por meio de argumentos intrínsecos, segundo o método hermenêutico que o A. soube empregar, com tanto proveito, no comentário a esta carta.

L. St.

BADEN, Hans Jürgen: *Vivencia de Dios. La experiencia de la mística.* Trad. do alemão por Abelardo Martínez de Lopera. Ed. Herder, Barcelona (Espanha) 1984. 203 pp., 19,7 x 12cm.

Hans Jürgen Baden, protestante alemão, é autor de 25 livros sobre temas teológicos e literários. A presente obra constitui uma valiosa contribuição para compreender a importância da mística cristã no mundo atual. O capítulo I, "Mística. Explicação de um conceito", mostra como a "experiência" continua sendo a chave para conhecimento religioso. Segue o cap. II, "Mundo exterior e mundo interior", no qual observamos que a transparência do interior se faz impressionantemente presente no exterior, para aquele que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir. O cap. III, "Conexões cósmicas", é de extraordinário interesse e atualidade. A perda do ele místico cristão repercutiu no primeiro artigo da confissão de fé no Deus Criador, despojando o cosmos do seu significado religioso. Reduzido o mundo a uma visão mecanicista, este está virando um depósito de lixo que os ecologistas tentam libertar. O cap. IV, "A mística no N.T.", observa como o espírito místico pervade o N. T., especialmente os escritos de Paulo e de João e, infelizmente, foi depois prejudicado pela teologia dogmática. O cap. V, "Omissões eclesiais", chama a atenção para as conseqüências da falta de fé das Igrejas em relação ao Espírito Santo. A nostalgia de experiência religiosa é hoje extraordinária e são muitos os que batem à porta das seitas ou procuram as fontes de religiosidade oriental. O cap. VI, "Salvação por meio do Espírito", toca outro tema muito atual: as repercussões físicas e espirituais da salvação. Os dois últimos capítulos, "Entendimento e ação" e "Societas Mystica", entram em outro assunto de atualidade: a suposta indiferença política do místico. Afirma o A. que o místico não vive à margem da história e que toda ação precisa ser fundamentada no conhecimento que a inspira e sustenta. Alerta para certos perigos. Parece-me que estes dois capítulos poderiam ser enriquecidos com a experiência eclesial da América Latina.

Manuel E. Iglesias S.J.

DIAS, Zwinglio M.: *Discusión sobre la Iglesia (desde América Latina). Perspectivas contemporáneas sobre la fe, la tarea cristiana y la Iglesia en América Latina.* CUPSA/Tierra Nueva, México/Buenos Aires 1983. 130 pp., 17,2 x 10,5cm.

Z. Dias, pastor e teólogo reformado, apresenta seu livro como “um pequeno esforço de comunicação da reflexão teológica contemporânea a nível congregacional”(7). A origem das reflexões agora apresentadas em livro está nas pregações do A. numa comunidade suburbana do Rio de Janeiro. (A julgar pelos temas tratados e pela linguagem usada, não se trata certamente de uma comunidade suburbana típica. A comunidade em que o resenhador trabalhou no subúrbio da mesma cidade durante oito anos, compreenderia muito pouco do conteúdo do presente livro). O título “Discussão sobre a Igreja” corresponde mais propriamente à terceira parte (69-130), embora os temas da missão da Igreja e dos desafios a ela no mundo de hoje apareçam com bastante frequência também na primeira parte: “Debate em torno da fé” (9-41) e na segunda: “Aspectos da visão cristã” (43-68). A temática tratada em cada uma das partes na forma de subtemas é, sem dúvida, de grande importância teológica e pastoral. O valor do livro está, porém, a nosso ver, não tanto na novidade ou originalidade dos temas abordados quanto na sua apresentação sintética, ordenada e clara. O A. volta uma e outra vez, em diferentes contextos, sobre alguns temas: a dimensão comunitária-eclesial da fé, contra o individualismo; a dimensão social da mesma fé, contra o pietismo; a abertura ao novo como uma exigência evangélica, contra o imobilismo, etc. É claro que a magnitude, riqueza e dificuldade dos temas abordados não permitem um estudo deles na profundidade correspondente à sua complexidade. Por isto mesmo, aqui e acolá, a exposição pareceu-nos demasiado simplificadora. Julgamos, por exemplo, demasiado negativa e estreita a concepção de “religião” em oposição à “fé”, na linha de K. Barth. Claro que uma vez admitida a definição de religião dada pelo A., as críticas são pertinentes. Mas o fenômeno religioso é bem mais complexo, rico e ambivalente do que é dado a entender na mencionada contraposição. Demasiado simplificadora pareceu-nos também a oposição entre Igreja-comunidade e Igreja-instituição (cf. 76-82 e também, passim, 92-106). Nas críticas à instituição haveria que levar mais em conta a distinção, feita pelo próprio A., entre instituição e institucionalismo; mais fundamentalmente ainda, falta, para as críticas serem claras e pertinentes, a distinção entre o conceito teológico e o conceito sociológico de Igreja-instituição.

No conjunto, as reflexões de Z. Dias revelam amor à Igreja, do qual brotam as críticas levantadas, sensibilidade missionária e ecumênica. A leitura deste pequeno livro será proveitosa para os cristãos com uma certa formação teológica, que buscam caminhos novos para a fidelidade da Igreja à sua missão nas situações novas em que essa missão tem que ser realizada.

A.B.

BOFF, Leonardo: *Do lugar do pobre* (Publicações CID – Teologia 22). Ed. Vozes, Petrópolis 1984. 151 pp., 21 x 13,7cm.

A Teologia da Libertação, nestes últimos anos, vem conquistando com empenho e coragem o espaço que lhe é devido no pensamento teológico latino-americano. Espaço este que se abre pelo esforço incansável de alguns teólogos sensibilizados com a situação marginal e degradante em que se encontra a maioria das populações do nosso Continente onde a repressão se abate, impiedosa, contra os direitos fundamentais da vida. Ao mesmo tempo em que estão atentos à esta situação, os teólogos procuram refletir e aprofundar a fé que se desenvolve no interior das práticas e organizações libertadoras, das quais participam inúmeras comunidades cristãs.

Situar-se numa determinada perspectiva, levando em consideração a vida sócio-cultural de pessoas historicamente situadas, nada mais é que buscar legitimidade e eficácia para o conteúdo da reflexão que se deseja transmitir. Neste sentido, é uma questão de honestidade procurar, através de mediações sócio-analíticas adequadas, compreender cada vez melhor a realidade do mundo no qual estamos inseridos, se quisermos anunciar a Boa Nova de Jesus em meio aos conflitos e divisões que determinam o mundo das relações humanas. Isso significa que, “Do lugar do pobre”, do seu sub-mundo sofrido e esmagado, dos seus clamores e anseios de libertação é que deve partir toda reflexão teológica libertadora voltada para a compreensão da fé alimentada pela prática pastoral e sua celebração.

Com esta preocupação, o presente livro coleciona oito trabalhos que foram elaborados em diversas circunstâncias em que o Autor fora solicitado a pronunciar ou escrever seu pensamento sobre a Teologia da Libertação. De fato, quem já está familiarizado com o autor, através de suas obras, não encontrará muitas novidades na abordagem dos temas aí propostos que, reunidos, receberam o título “Do lugar do pobre”. Contudo, não carece de valor um trabalho deste tipo, pois poderá despertar grande interesse para o aprofundamento das questões que são apresentadas e discutidas de maneira sintética, mas nem por isso menos pertinentes.

Gostaria de chamar a atenção para o desenvolvimento do tema “O sobrenatural no processo de libertação” em que o autor desloca o eixo fundamental da problemática clássica da relação entre “natural-sobrenatural” que “gerou um cristianismo desengajado da história”(86), para a relação básica que se deve estabelecer entre o “sobrenatural-graça e sobrenatural-pecado” que “empapa a história e atravessa o coração humano”(87). Aqui, então, coloca-se a pergunta: “em que medida o processo de libertação dos pobres se ordena ao Reino de Deus? em que forma a libertação dos homens encerra graça e libertação?”(88). A resposta possível, dentro da perspectiva do autor, decorre de uma visão globalizante e unitária da vida e do homem que permite compreender melhor a ação divina na história, cuja expressão paradigmática é a própria encarnação de Deus “Desde o lugar do pobre” em Jesus de Nazaré.

José de Anchieta Lima Costa S.J.

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU: *O povo de Deus assume a caminhada.* Apresentação de D. Adriano Hypolito. Vozes/IDAC, Petrópolis 1983. 103 pp., 21 x 13,8cm.

Este livro foi elaborado pelo IDAC – Instituto de Ação Cultural, a partir da realidade da Diocese de Nova Iguaçu. Mas seu autor é o próprio povo cristão da Diocese. É um povo que sabe que está fazendo sua própria história e que, agindo assim, está participando concretamente da obra salvífica de Deus. “Fazendo a nossa história, tomamos consciência das maravilhas que Deus opera nas nossas comunidades e do jeito como Ele continua a fazer História Sagrada” (p. 5).

O livro é fruto de um longo trabalho de preparação para a Assembléia Diocesana, realizada em novembro de 1983. A história contada no livro quer mostrar um pouco da vida que há em tantas outras igrejas por este Brasil afora. Este trabalho constitui como que um relatório da Igreja de Nova Iguaçu para todas as pessoas que estão engajadas na luta e na esperança desta Igreja que nasce do Povo.

A distribuição da matéria publicada é fácil de entender e de manusear para o estudo em comunidade. Depois de apresentar o audiovisual usado na assembléia, o IDAC organizou uma cronologia da história do Brasil, da história da Igreja no Brasil, da história da Baixada Fluminense e da história da diocese de Nova Iguaçu. Essas sínteses históricas estão divididas em épocas marcantes, o que possibilita ao leitor situar-se na caminhada feita pelo povo cristão.

A cronologia começa dividida em épocas maiores (1500-1822; 1822-1889; 1889-1930; 1930-1945; 1945-1950; 1950-1960); de 1960 a 1983 a enumeração dos acontecimentos se sucede ano por ano. Essa cronologia é muito interessante, porque é um estudo crítico das situações que o povo brasileiro viveu desde a invasão portuguesa às nações aborígenes até hoje. Vemos também a Igreja sempre presente nessa história, às vezes ingenuamente ao lado do poder que oprime, e, por outro lado, a luta dessa mesma Igreja que caminha, em sua missão, ajudando a construir um Brasil mais humano, mais irmão, definindo sua preferência evangélica pelos mais necessitados.

Por fim o livro apresenta algumas dicas e sugestões para as comunidades desenvolverem o estudo da matéria. Apresenta também a “carta de Canindé” elaborada no último encontro das CEBS, em Canindé-CE, 1983. E uma bibliografia de artigos e livros “para quem quiser saber um pouco mais” sobre as questões mais debatidas na Igreja e ajudar no próximo passo a ser dado nessa caminhada que o Povo de Deus assumiu.

Este é um livro para ser *usado* na comunidade que é convidada a continuar a escrevê-lo. Quanto mais próximos estivermos dos gestos e da voz do povo, com seus sofrimentos, suas angústias e suas esperanças, melhor o compreenderemos. Mas isso dependerá sobretudo da medida em que vivamos o Evangelho do Filho de Deus, encarnado na hora e na história de um povo, dentro da história da humanidade, e morto e ressuscitado para transformar essa história em Mistério da Salvação.

João Oliveira Souza S.J.

TONUCCI, Paulo Maria: *Teologia da Libertação, o que é?* (Col. "Da base para a base" 14). Ed. Vozes, Petrópolis 1984. 33 pp., 23 x 16cm.

Muito se falou e se ouviu falar de Teologia da Libertação (= TdL) nos últimos tempos. O que não significa que todos saibam de que estão falando. O A. neste opúsculo quer oferecer um subsídio a nível popular. O acento está em que a TdL nasceu da luta dos pobres por sua libertação. Os principais conceitos em questão são explicados: libertação, opção pelos pobres, CEBs, amor universal x amor preferencial. Gravuras, textos enquadrados, frases em negrito procuram tornar fácil a leitura. Entretanto não é tão fácil assim, porque a divisão do texto, numerado de 1 a 17 não destaca suficientemente a idéia de cada secção nem sua articulação. Uma divisão mais clara e didática do texto não o tornaria menos popular.

Há uma falha importante na explicação inicial sobre o que é teologia. A tese é correta: "todo cristão faz teologia, é teólogo"(6). O primeiro exemplo também é certo: a afirmação "Meu filho morreu, foi Deus que quis" é teologia (não sistematizada nem crítica, mas teologia). Mas os outros exemplos trazem confusão ao conceito. Quando alguém participa da greve, ou de um grupo de oração, ou fica de braços cruzados, *não* faz teologia, embora essas atitudes *suponham* uma teologia (ou possam *supô-la*). A explicação está em contradição com a própria definição dada inicialmente: "Teologia é *conversa, estudo, reflexão* sobre Deus e sobre a presença que Ele tem no mundo" (6, grifo do recenseador). Fazer greve, participar do grupo, cruzar os braços pertencem ao nível da ação, não ao da reflexão. "A teologia, a reflexão vem depois, acompanha a ação"(21), como dirá o A. mais adiante, em frase em negrito, baseando-se em Gustavo Gutiérrez. A confusão de conceitos nunca ajuda a entender.

F.T.

DALMASES, Cândido de: *Inácio de Loyola. Fundador da Companhia de Jesus* (Coleção "Fundadores"). Trad. do espanhol por J.C. Monteiro Pacheco. Co-edição Livraria Apostolado da Imprensa - Ed. Loyola, Porto (Portugal)/São Paulo 1984. 275 pp., 18,8 x 13,4cm.

O A., historiador e um dos mais documentados conhecedores da vida de Santo Inácio, apresenta a sua obra como uma "breve biografia" do Santo. Considera o A. que uma verdadeira vida do Fundador da Companhia de Jesus ainda não foi escrita, dada a enorme estatura espiritual e humana de Inácio e a riqueza de materiais ao dispor do biógrafo. Apesar da modéstia do A., não estamos diante de mais uma biografia de Inácio. Trata-se de uma obra excelente, documentada, interessante e densa. A riqueza de dados não deixa espaço para figuras retóricas ou considerações piedosas. Após um primeiro capítulo um tanto carregado de nomes e lugares familiares, o leitor se adentra na apaixonante vida de Inácio de Loyola que culmina nos três últimos capítulos, os mais ricos em dados humanos do santo.

M.E.I.